ANÁLISE DO DISCURSO E ANTROPOLOGIA

L. Nicolás Guigou¹

A análise do discurso tem sido, sem dúvida, um dos olhares mais férteis na indagação da situação religiosa da contemporaneidade latino-americana. Uma América Latina onde o sofrimento pode produzir uma multidão de discursos, ser uma força emocional capaz até de transformar a língua política de uma sociedade (Corten, 1996) e movimentar uma quase mítica ontologia do mal.

Alguns destes elementos podem se encontrarno artigo de Jaçanã Ribeiro que abre este número de Debates do NER. Também em sua interessante dissertação de Mestrado², surge, uma e outra vez, essa preocupação pela produção do “simulacro da alteridade”, para parafrasear o título do seu trabalho.

Mais do que preocupação, a centralidade desta produção do “simulacro do outro” no texto, parece remeter a aquela reflexão que coloca o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus - o objeto de pesquisa tanto do artigo quanto da dissertação citada - enquanto um discurso heterofóbico, produtor de um ódio que se cristaliza num outro, na construção de um outro-inimigo.³

Para trazer a imagem do simulacro, e assim dar conta da elaboração *iurdiana* do “simulacro da alteridade” expressada num “sujeito encosto”,

¹ Doutorando, PPGAS/IFCH/UFRGS, bolsista CNPq. Professor da Universidade da República, Montevideú, Uruguai.

² Ribeiro, Jaçanã. *O simulacro da alteridade: uma análise discursiva do ritual de libertação e cura da Igreja Universal do Reino de Deus*. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em estudos da linguagem) - Instituto de Letras, UFRGS, 2005.

³ Sobre a temática da heterofobia na Igreja Universal do Reino de Deus ver: ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? In: *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 1, n.1, novembro de 1997.

Jaçanã Ribeiro faz referência à lógica do sentido (Deleuze, 1974) através da seguinte citação: “Por simulacro entende-se uma espécie de imagem refletida num “espelho torto”, algo diferente da cópia, uma “imagem sem semelhança” (Deleuze, 1974, p. 263, apud Ribeiro). No mesmo parágrafo, surge uma citação de um trabalho de Oro no qual se estabelece que a Igreja Universal do Reino de Deus e as religiões afro-brasileiras mantêm uma relação dialética sob as figuras da aproximação e do antagonismo (Oro, 2004).

Queremos assinalar esta citação enquanto acontecimento que pode colaborar no entendimento dessa produção particular de uma alteridade baseada na dialética. Se a alteridade significa também diferença, essa diferença somente pode ter o lugar do simulacro. Voltando a Deleuze (também a Foucault), a dialética não permite o diferente: “La dialéctica no libera lo diferente, sino que, por lo contrario, garantiza que siempre estará atrapado.” (Gabilondo, 2001, p.137).

Contudo, essa não permissão é que torna possível esse outro-inimigo, enquanto uma das possibilidades de emergência do outro.

Mas, trata-se de *uma das possibilidades*. Neste contexto - e para no cair numa antropologia filosófica definitivamente superada - é que talvez devamos pensar no “antropólogo relativo”, parafraseando assim o texto de Viveiros de Castro (Viveiro de Castro, 2002), hoje tão discutido na antropologia brasileira.

Não queremos ingressar aqui no diálogo (rico e problemático) do pensamento de Gilles Deleuze e a antropologia, e sim na figura evocativa do “antropólogo relativo”.

Até agora a antropologia - parte dela - tem se movimentado em grandes dicotomias para tentar dar conta da variável situação humana no mundo: estrutura *versus* evento; regularidade do inconsciente *versus* antropologia das práticas; corpo *versus* discurso; sujeito passivo *versus* sujeito ativo etc.

Essas oposições e outras - mais os diferentes lugares teóricos que vão de um termo a outro - poderiam ser lidas como parte da metafísica ocidental, num sentido derridiano. Também os esforços integrativos dessas dicotomias parecem mostrar seus limites. O heróico exemplo de Pierre Bourdieu não deixa de mostrar as limitações de uma posição monista-

integrativa que em sua expulsão do inconsciente - e a idéia de inconsciente cultural não passa de uma nova reformulação do *habitus* - remete talvez a uma modalidade atualizada de sócio-centrismo.

Dir-se-ia que as possibilidades dos mundos teóricos na antropologia estão numa encruzilhada que sugere - para lembrar e sobreinterpretar novamente Deleuze - a diferença pelo viés da repetição.

O trabalho de Jaçanã Ribeiro - sua “antropologização” - evoca mais uma vez todos esses espectros teóricos do “antropólogo relativo”. Dizemos “relativo” porque, como bem lembra Clifford, o antropólogo nativo não passa de ser uma ficção. Relativo também porque as perguntas sobre o trabalho de Jaçanã Ribeiro neste exercício de “antropologização” terão que partir de um conjunto de horizontes antropológicos talvez previsíveis. Um deles - e trazendo aqui a devoção de Deleuze pela sociolinguística e pelas pesquisas de Labov - tem a ver com os elementos não discursivos que estão presentes em qualquer interação (Goffman) ou a suposição que leva a postular que o discurso é somente compreensível desde sua utilização contextual (Malinowski).

Desde este lugar teórico, não existe a linguagem, o arquivo, a estrutura, ou qualquer outra dimensão, para além da visibilidade do dito. E a visibilidade do dito tem que ser considerada através das diferentes performances linguísticas e não linguísticas.

Um outro ponto de vista estaria situado na perspectiva aberta pelo estruturalismo e o pós-estruturalismo. Evidentemente, aqui não é relevante uma teoria da ação, da prática, performática ou interativa (com todas as diferenças do caso entre umas e outras). O discurso pode ser autônomo e ser analisado em sua autonomia.

Os sujeitos são sujeitos enquanto posição no discurso, função no discurso etc. São intercambiáveis. Talvez a destruição do sujeito - a destruição da ilusão do sujeito - esteja representada nessa corrente de pensamento pela conhecida frase de Lacan: “il y a l’homme, il y a aussi l’ommelette”.⁴

⁴ Sobre esta citação de Lacan, ver: PANERO, Leopoldo Maria. *Sobrevolando a Deleuze*. Revista Archipiélago, Barcelona, n. 17, Barcelona, 1994.

O texto de Jaçanã Ribeiro volta a colocar essas possibilidades do olhar antropológico nos seus limites epistemológicos. Considerando que a circulação de uma e outra perspectiva tem a ver também com condições institucionais de linhas de pesquisa, talvez o interessante seja aprofundar nas condições institucionais de produção do discurso acadêmico, que bem poderia ser considerada como uma “FD3”, seguindo as unidades de análise definidas neste trabalho. Mas esta perspectiva levaria a discutir este texto ou outro desde o lugar reducionista do “Homo academicus”.

Seria, sem dúvida, mais interessante estabelecer as perguntas que surgiriam desde alguns olhares antropológicos, que - embora sejam previsíveis - não deixam obviamente de carregar com o peso da tradição da disciplina.

Uma pergunta quase inevitável tem relação com o lugar dos sujeitos neste trabalho. Na verdade a pergunta faz justiça à velha preocupação antropológica que tenta estabelecer a singularidade dos sujeitos em relação a sua trajetória e a especificidade de suas narrativas.

Esta pergunta surgiria no âmbito daqueles antropólogos que opõem abstrações analíticas à vida real e à interação performática, que ligam a noção do discurso com a idéia de sujeito, que opõem as estratégias (também singulares) com a subsumação do sujeito a uma concepção do discurso na qual o sujeito desaparece deixando lugar ao ser da linguagem.

Seguramente, este trabalho circularia com muito mais comodidade entre as linhas de pesquisa antropológica que tem relação com o estruturalismo. Mas aqui teríamos que voltar à concepção de troca que perpassa o inconsciente estruturalista e também postular que o interessante trabalho aqui debatido tem um a priori claro, baseado numa articulação entre inconsciente e discurso.

Qual seria, pois, esse inconsciente estruturalista que a antropologia traz em relação ao discurso e que poderia aportar a esta análise?

Vejamos. Para o estruturalismo levistrausiano, a idéia de troca é fundamental para compreender o caráter relacional eu-outro. Esta troca tem sua base numa estrutura inconsciente (mas sua realização é eminentemente social). Trocam-semulheres (nas sociedades cujas características são as “estruturas elementares de parentesco”). Também se trocam bens nessas sociedades (como nas nossas) e, fundamentalmente, para o olhar antropológico sobre o discurs-

so, se trocam fonemas. A troca, pois, estabelece as condições de possibilidade do discurso. Evidentemente que esta visão não postula um sujeito produtor de discurso e, sim, um discurso que cristaliza e perpassa os sujeitos.

O artigo de Jaçanã Ribeiro - e neste texto procuro estabelecer um diálogo com algumas linhas da Antropologia Social - coloca mais uma vez a necessidade de gerar novas sínteses que não sejam redutoras do conjunto de saberes próprios à nossa disciplina. Nesta conjunção - cuja resolução quase sempre assume a figura do empírico - é que talvez as dicotomias teóricas que tentamos sumariamente dar conta neste artigo, podem encontrar seu lugar no marco das diferentes experiências etnográficas.

REFERÊNCIAS

- CORTEN, André. *Os pobres e o espírito santo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Editora da USP, 1974.
- GABILONDO, ÁNGEL. *La vuelta del otro. Diferencia, identidad, alteridad*. Madrid: Trotta, 2001.
- GUIGOU, L. Nicolás. *Cartografías antropológicas. Trayectos, conexiones y desconexiones*. Montevideo: La Gotera, 2004.
- GUIGOU, L. Nicolás e Rovitto, Yamila. Más allá del bien y del mal: la Iglesia Universal del Reino de Dios en el Uruguay. In: GEYMONAT, Roger (Comp.) *Las religiones en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones La Gotera, 2004.
- ORO, Ari Pedro. *O "Neopentecostalismo Macumbeiro", um estudo acerca do embate entre a Igreja Universal e as Religiões Afro-brasileiras*. Texto apresentado em Mesa Redonda no 24º congresso da Associação Brasileira dos Antropólogos, Recife, 2004.
- _____. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 1, n.1, novembro de 1997.
- PANERO, Leopoldo Maria. Sobrevolando a Deleuze. *Revista Archipiélago*, n. 17, Barcelona, 1994.
- RIBEIRO, Jaçanã. *O simulacro da alteridade: uma análise discursiva do ritual de libertação e cura da Igreja Universal do Reino de Deus*. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em estudos da linguagem)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*. Rio de Janeiro, volume 8, n.1, 2002